



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E**  
**DIVERSIDADE**  
**DIRETORIA DE POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**INCUBADORA UNIVERSITÁRIA DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS**  
**SOLIDÁRIOS**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM**  
**ÊNFASE EM ECONOMIA SOLIDÁRIA NO SEMIÁRIDO PARAIBANO**  
**CAMPUS CUITÉ - PB**

UFCG/BIBLIOTECA

**ASSOCIATIVISMO E AUTOGESTÃO: ANÁLISE DA**  
**ASSOCIAÇÃO DE CAPRINOS E OVINOS DE NOVA FLORESTA**

**Thaisy Lavínia Andrade de Azevedo**

**Cuité – PB**

**2013**

**THAISY LAVÍNIA ANDRADE DE AZEVEDO**

**ASSOCIATIVISMO E AUTOGESTÃO: ANÁLISE DA ASSOCIAÇÃO DE  
CAPRINOS E OVINOS DE NOVA FLORESTA**

UFG/BIBLIOTECA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano como pré-requisito para obtenção do grau de Especialista.

**Orientadora:** Profa. DSc. Marta Maria da Conceição

Cuité – PB

2013



Biblioteca Setorial do CES.

Julho de 2021.

Cuité - PB

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE  
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

A994a      Azevedo, Thaisy Lavínia Andrade de.

Associativismo e autogestão: análise da associação de caprinos e ovinos de Nova Floresta. / Thaisy Lavínia Andrade de Azevedo – Cuité: CES, 2013.

35 fl.

Monografia (Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano) – Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2013.

Orientadora: Dra. Marta Maria da Conceição.

1. Associativismo. 2. Autogestão. 3. Economia solidária. I.

Título.

CDU 334

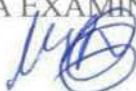
Thaisy Lavínia Andrade de Azevedo

ASSOCIATIVISMO E AUTOGESTÃO: ANÁLISE DA ASSOCIAÇÃO  
DE CAPRINOS E OVINOS DE NOVA FLORESTA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização da Universidade Federal de  
Campina Grande, Campus de Cuité, para obtenção do grau de especialista em Educação  
de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano.

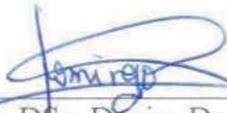
Aprovada em: 26/09/2013

BANCA EXAMINADORA



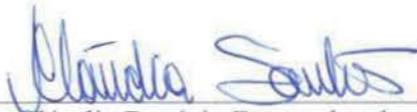
---

Profa. DSc. Marta Maria da Conceição  
Orientadora UFCG/CES/UAE



---

Profa. DSc. Denise Domingos da Silva  
Examinadora UFCG/CES/UAE



---

Profa. DSc. Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos  
Examinadora UFCG/CES/UAE

UFCG/BIBLIOTECA

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, eterna força interior que permitiu realizar este projeto. A meu esposo, Judson Wagner Farias e Souza, pelo amor e pelas horas de compreensão, paciência e apoio.

Ao meu pai João Cândido de Azevedo e minha mãe Maria Anita de Andrade Azevedo, pelo apoio constante às minhas atividades profissionais e acadêmicas.

A minha filha Camila Marques Azevedo Farias e meu filho Douglas Marques Azevedo Farias, aos quais amo muito, pelo apoio e incentivo aos meus projetos profissionais e de vida.

Aos meus colegas de turma, pela energia transmitida e compreensão dessa tarefa, em diferentes momentos de discussão e confraternização.

A professora Marta Maria da Conceição, pela disponibilidade, apoio e compromisso no decorrer do curso e como também na orientação deste trabalho.

Aos membros da Associação de Caprinos e Ovinos de Nova Floresta, por contribuírem, cada um de sua maneira, para a realização deste projeto.

UFCG/BIBLIOTECA

## RESUMO

O objetivo deste trabalho foi avaliar a realidade da Associação de Caprino/Ovinocultura (APCONF) do município de Nova Floresta - PB como alternativa de desenvolvimento local e individual, bem como verificar seu potencial para promover a capacitação da mão-de-obra, suas políticas de gestão e relação com a Economia Solidária. Os procedimentos metodológicos utilizados para construção da pesquisa foram baseados em referências sobre a temática e pesquisa de campo (entrevistas, questionários e observações) junto aos associados pesquisados. Nessa prática de economia solidária, as atividades informais desenvolvidas proporcionam uma forma de organização social que, além de gerar uma renda, contribui para o resgate e/ou construção da cidadania dos participantes. A organização coletiva, especificamente nessa experiência, proporciona uma forma diferente de viver e se relacionar construindo novos paradigmas sócios econômicos, políticos e culturais, baseados na cooperação além de abrir novos horizontes para o processo de comercialização. Em geral isso é observado nas práticas de atividades informais que são desenvolvidas isoladamente, que leva em consideração apenas o viés econômico onde as pessoas trabalham de forma individual. Quanto à sustentabilidade do empreendimento analisado, ainda que permita formas de sobrevivências para alguns, não se constitui em uma alternativa econômica sustentável. Constatou-se que a Economia Solidária na associação ainda precisa ser melhor esclarecida, só assim, poderá haver mudanças importantes no cotidiano do pequeno produtor, incentivando a equidade, a democracia, a cooperação, a solidariedade, a qualidade das relações no trabalho, e, mais que tudo, a valorização do ser humano.

Palavras-chave: Associativismo, Autogestão e Economia Solidária.

## ABSTRACT

The objective of this work was to evaluate the reality of the Association of Capno Ovinocultura (APCONF) of the municipality of Nova Floresta - PB as an alternative for development local and individual, as well as verifying its potential to promote the capacity of the manpower, its management policies and relationship with the Solidarity Economy. The methodological procedures used to construct the research were based in references on the subject and field research (interviews, questionnaires and observations) Together with the members surveyed. In this practice of individual economics, the developed formal activities provide a form of social organization that, in addition to generating income, it contributes to the rescue and/or construction of the citizenship of participants The collective organization, specifically in this experience. Provides a different way of seeing and relating by building new paradigms economic, political and cultural, based on cooperation in addition to opening new horizons for the commercialization process. In general, this is observed in the practices of formal activities that are developed in isolation, which takes into account only the economic aspect where people work individually. sustainability of the analyzed project, although it allows for ways to survival for some, does not constitute a sustainable economic alternative. It was found that the Solidarity Economy in the association still needs to be better clarified, just as there may be important changes in the cotidiano of the small producer, involving equity, the democratic cooperation, solidarity, quality of relationships at work, and, above all, the valorization of the human being.

**Keywords:** Associativism. Self-management and Solidarity Economy.

## SUMÁRIO

Introdução.....	01
Fundamentação Teórica .....	03
2.1. Economia Solidária.....	03
2.2. Associativismo .....	09
2.3.Importância da Caprino/ovinocultura na região .....	10
3. Metodologia.....	13
4. Resultado e discussão.....	14
4.1. Contexto histórico da Associação de Caprinos e Ovinos de Nova Floresta..	14
4.2. Análise dos dados coletivos .....	16
5. Conclusões.....	23
6. Referências .....	25

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Faixa Etária dos Associados.....	17
Figura 2 – Grau de Instrução dos Associados .....	17
Figura 3 – Área de Atuação dos Respondentes.....	18
Figura 4 – Participação na Gestão .....	20
Figura 5 – Economia Solidária .....	21
Figura 6 – Perspectiva de Melhorar a Infra estrutura .....	22

## LISTA DE SIGLAS

APRISCO – Instalação para recolher as ovelhas durante a noite.

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

EMEPA – Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IGA – Internacional Goat Association

INSA – Instituto Nacional do Semiárido

MTE – Ministério do Trabalho e do Emprego

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SENAR – Serviço Nacional de aprendizagem Rural

UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco

UFCG/BIBLIOTECA

## 1. INTRODUÇÃO

A idéia de pesquisar sobre essa temática surgiu no decorrer do curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semi-Árido Paraibano, realizado na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, no campus de Cuité, oferecido pela Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômico Solidários.

Diante das disciplinas e leituras feitas no decorrer do curso sobre Economia Solidária, tive a curiosidade de analisar a Associação de criadores de caprino/ovinocultura do município de Nova Floresta, através de um estudo de campo, despertei o interesse em pesquisar sobre a temática, na perspectiva de compreender se todos os associados conhecem de fato e direito seu papel dentro da associação. Compreender as práticas de Economia Solidária através das atividades produtivas que são desenvolvidas na associação como alternativa de geração de renda para as pessoas envolvidas.

A opção em estudar uma experiência desse tipo acontece por considerar que existe um diferencial entre as relações de trabalho desenvolvidas nessa experiência e as atividades que são desenvolvidas fora dos empreendimentos econômicos solidários.

A participação dos associados possibilitou verificar que diante da situação de precariedade do trabalho e do desemprego, os trabalhadores procuram criar alternativas que os levem à inserção no trabalho. Uma das modalidades tem sido a economia solidária que, para Singer (2003), constitui-se como uma forma de acesso aos trabalhadores marginalizados do mercado de trabalho, unindo o princípio de posse e uso dos meios de produção e distribuição, com o princípio da socialização desses meios, gestão democrática, repartição da receita líquida entre os integrantes (associados) e destinação do excedente anual (sobras).

Avançando nas reflexões, procuramos qualificar o que seria a autogestão praticada nestas unidades, para perceber quais as características que a afastariam da heterogestão, a praticada em empresas capitalistas. Em Albuquerque (2003, p. 20), encontramos:

Por autogestão, em sentido lato, entende-se o conjunto de práticas sociais que se caracteriza pela natureza democrática das tomadas de decisão, que propicia a autonomia de um "coletivo". É um exercício de poder compartilhado, que qualifica as relações sociais de cooperação entre pessoas e/ou grupos, independente do tipo das estruturas organizativas ou das atividades, por expressarem intencionalmente relações sociais mais horizontais.

O objetivo deste trabalho foi avaliar a realidade da Associação de Caprino/Ovinocultura (APCONF) do município de Nova Floresta - PB como alternativa de desenvolvimento local e individual, bem como verificar seu potencial para promover a capacitação da mão-de-obra, suas políticas de gestão e relação com a Economia Solidária.

UFCG/BIBLIOTECA

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Economia Solidária

Segundo Singer (2002), a Economia Solidária propõe um meio de geração de renda e trabalho, favorecendo a inclusão social e como uma alternativa ao sistema capitalista. Na Economia Solidária as pessoas podem comprar, vender, reproduzir sem explorar ou serem exploradas, sem levar vantagens sobre os outros, de forma mais justa e em cooperação com o próximo.

Segundo Andion (2002), a Economia Solidária é vista como um conjunto de organizações que atuam no campo social, mobilizadas a partir da sociedade civil e que têm as seguintes características: (i) demanda e oferta são construídas conjuntamente, ou seja, as iniciativas vinculam-se exclusivamente às necessidades ou demandas reais vividas localmente pelas populações; (ii) são espaços enraizados na esfera pública, constituindo-se em uma comunidade política local; (iii) visam uma ampliação do acesso a bens e serviços produzidos; (iv) sua gestão está baseada na hibridação de diferentes fontes de financiamento (doações, vendas de produto, fontes públicas, investimento social privado, etc.). De acordo com França Filho e Andion, a Economia Solidária permitiria a essas organizações assumirem, simultaneamente, funções produtivas, espaços de proximidade e espaços públicos.

De acordo com o site do MTE (Ministério do Trabalho e Emprego), compreende-se por Economia Solidária o conjunto de atividades econômicas de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito, organizado sob a forma de autogestão. Considerando essa concepção, a Economia Solidária possui como marcos sociais a cooperação, a autogestão, a dimensão econômica e solidária.

A cooperação busca a existência de interesses e objetivos comuns, a união dos esforços e capacidades, a propriedade coletiva de bens, a partilha, os resultados e a responsabilidade solidária.

Na autogestão os participantes das organizações exercitam as práticas participativas de autogestão dos processos de trabalho, das definições estratégicas e cotidianas dos empreendimentos, da direção e coordenação das ações nos seus diversos graus e interesses, etc. A dimensão econômica, uma das bases de motivação de agregação de esforços e recursos

pessoais e de outras organizações para produção, beneficiamento, crédito, comercialização e consumo.

E a solidariedade, onde seu caráter nos empreendimentos é expresso em diferentes dimensões: na justa distribuição dos resultados alcançados; nas oportunidades que levam ao desenvolvimento de capacidades e da melhoria das condições de vida dos participantes; no compromisso com o meio ambiente saudável; nas relações que se estabelecem com a comunidade local; na participação ativa nos processos de desenvolvimento sustentável de base territorial, regional e nacional; nas relações com os outros movimentos sociais e populares de caráter emancipatório; na preocupação com o bem estar dos trabalhadores e consumidores; e no respeito aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras.

No que diz respeito à definição de Economia Solidária, esta perpassa por definições variadas, mas de acordo com Singer, todas giram em torno da idéia de solidariedade em contraste com o individualismo competitivo (SINGER, 2003).

A I Conferência Nacional de Economia Solidária realizada em Brasília em 2006, reverte a lógica capitalista ao se opor a exploração do trabalho e dos recursos naturais, mediante emergência de um novo ator social composto de trabalhadores associados e consumidores conscientes. Mas entre todas as definições teóricas da ainda incipiente “Economia Solidária” há pelo menos uma unanimidade: ela se apresenta como uma nova estratégia alternativa de luta contra o desemprego (Ministério do trabalho e do Emprego, 2006).

A Economia Solidária tem representado uma nova forma de se organizar enquanto trabalhadores e um empenho coletivo de se manter ou se inserir (quando excluído) no mercado e na sociedade. Nos últimos anos, principalmente nos países emergentes, tem crescido os movimentos de empreendimentos econômicos populares e de redes associativas. Este crescimento é tanto quantitativo como qualitativo, e não é apenas o resultado da reação espontânea dos trabalhadores à crise do trabalho assalariado, mas também da ação de agências de fomento a este novo tipo de mecanismo produtivo (TIRIBA, 2001). Agências públicas e ONGS – que apostam em uma nova economia moral das multidões na criação e o fortalecimento de uma economia, cuja cultura do trabalho contrai a própria lógica capitalista.

A Economia Solidária tem como princípio o cooperativismo que se baseia na solidariedade. Isto introduz em níveis crescentes e qualitativos a solidariedade nas atividades,

nas organizações e nas instituições econômicas, tanto a nível empresarial como nos mercados e nas políticas públicas. Incrementar a eficiência micro e macroeconômica a fim de gerar um conjunto de benefícios sociais e culturais que favoreçam a todos. É também uma resposta real a atual aos graves problemas sociais do nosso país. Vista como um projeto de desenvolvimento e transformação e aperfeiçoamento da economia de mercado.

A Economia Solidária não é só um projeto utópico distante do dia a dia. Para Tiriba (2001) ela tem cor, gosto e é algo que se pode pegar e abraçar. Tem vida. Portanto, não é uma construção secular apenas perceptível nos livros acadêmicos. Ela está na rua desde que mundo é mundo.

Em suas formulações, nos artigos e livros observados, Paul Singer deixa claro sua visão da Economia Solidária como um diferente “modo de produção”; alternativo e competidor ao capitalismo; mas gestado em seu próprio seio; e que carrega em seu bojo um potencial revolucionário numa hipotética transição para o socialismo. Singer sugere inclusive um paralelismo com a própria história do capitalismo, que nasceu com a exclusão social em massa praticada no feudalismo e que foi, clandestinamente, criando uma economia alternativa à economia oficial até o momento em que essa economia alternativa se tornou, na Inglaterra, mais forte e passou a ser o modo de produção dominante (SINGER, 2001).

Dessa forma, o autor acredita que os trabalhadores devem apropriar-se e fazer uso das forças produtivas desenvolvidas no capitalismo, e aplicá-las em novas relações sociais de produção. Essa visão está bem expressa na seguinte passagem, retirada do livro *Uma Utopia Militante*:

A primeira reação generalizável é a formulação de um projeto social alternativo ao capitalismo, em que se combinam as novas forças produtivas com relações sociais de produção concebidas para superar a exclusão social e suscitar uma repartição equânime da renda e, portanto, dos ganhos decorrentes do avanço das forças produtivas (SINGER, 1998, p.108).

Essas novas relações sociais, por sua vez, deveriam organizar a produção e a distribuição de forma democrática e igualitária. Sendo assim, Singer acredita que a autogestão seria a melhor forma para se atingir tal objetivo. Em seu texto “Oito Hipóteses para a Implantação do Socialismo via Autogestão”, ele afirma:

Separando, dentro do projeto socialista, a questão econômica, ou seja, como organizar de forma democrática e igualitária a produção e a distribuição (...) a autogestão é a melhor do ponto de vista da experiência histórica. A autogestão não foi inventada por algum teórico, para depois ser colocada em

prática. Ela é resultado de uma experiência de um século e meio de tentativas de organização coletivistas que têm origem nas lutas de Robert Owen, na primeira metade do século XIX, na Inglaterra (SINGER, 2001 p.230)

Trazendo para o contexto brasileiro, Singer afirma que o desenvolvimento solidário não deve “ignorar nem rejeitar os avanços científicos e tecnológicos promovidos pelas multinacionais” na busca por novas forças produtivas que sejam coerentes com o respeito à natureza e que favoreçam valores como igualdade e auto-realização, mas sim “submetê-los ao crivo permanente dos valores ambientais, da inclusão social e da autogestão” (SINGER, 2004, *apud* NOVAES, 2005, p.95).

O desenvolvimento das forças produtivas no capitalismo, no entendimento de Singer, abriu possibilidades de substituição quase que plena do homem pela máquina no processo produtivo. Esse fenômeno pode ser positivo tanto para trabalhadores quanto para os capitalistas, muito embora os interesses dessas classes pelo avanço científico sejam conflitantes. Esse conflito, natural, estaria determinado pelo fato de que “a ética científica de conquistar conhecimento novo para a humanidade deve se chocar com sua comercialização” (SINGER, 2004, *apud* NOVAES, 2005, p.97).

É nesse ponto em especial que seu argumento está focado. Para Singer, a concorrência entre os capitais privados impulsiona o avanço do conhecimento científico, uma vez que é a superioridade técnica que determina o domínio dos mercados em que as empresas atuam. Assim, ainda que visando apenas o lucro, as empresas investem, possibilitando esse persistente avanço tecnológico, entendido como positivo para a classe trabalhadora e, conseqüentemente, para a superação do capitalismo.

O ponto crucial situa-se na necessidade de se disponibilizar livremente o novo conhecimento, rompendo a propriedade privada da informação, via patentes. Nas palavras de Singer, um novo projeto de desenvolvimento, o “desenvolvimento solidário”, deve apoiar-se:

(...) sobre os mesmos avanços do conhecimento, e sua aplicação aos empreendimentos humanos, que o desenvolvimento capitalista. Mas o desenvolvimento solidário propõe um uso bem distinto das forças produtivas assim alcançadas: essas forças deveriam ser postas à disposição de todos os produtores do mundo, de modo que nenhum país, região ou localidade seja excluído de sua utilização e, portanto, dos benefícios que venham proporcionar (SINGER, 2004, *apud* Novaes, 2005, p.97).

Dessa forma, a proposta de desenvolvimento solidário, para Singer, não se opõe ao desenvolvimento propriamente dito. Ao contrário, tem como propósito “tornar os

desenvolvimentos mais justos, repartindo seus benefícios e prejuízos de forma mais igualitária e menos casual” (NOVAES, 2005, p.97)

Segundo Marx, o modo de produção capitalista constitui “uma totalidade complexa, cujo desenvolvimento é movido por um impulso endógeno originado das suas contradições internas” (GERMER, 2005 p.4). Sendo assim, os elementos de um novo modo de produção emergem, espontaneamente, até atingirem uma dimensão incapaz de ser contida pelos beneficiários do modo de produção vigente, o qual encontrará seu fim “sob o impacto das potências transformadoras geradas pelo seu próprio desenvolvimento” (Ibidem).

Ao examinar as experiências cooperativas de seu tempo, Marx atribuiu grande importância ao fato de estas demonstrarem pela primeira vez a desnecessidade de uma classe de patrões na produção. Em outras palavras, os trabalhadores têm capacidade de eles próprios gerirem a produção, não apenas em pequena escala, mas também sob toda dimensão que o avanço tecnológico e gerencial possa atingir. Assim:

Reconhece-se o movimento cooperativista como uma das forças motrizes para a transformação da presente sociedade, que repousa sobre contradições de classe. O seu grande mérito reside em mostrar, na prática, que o sistema vigente de subjugação do trabalho ao capital, despótico e causador de miséria, pode ser substituído pelo sistema republicano e enriquecedor da associação de produtores livres e iguais (Marx, 1866, apud GERMER, 2005, *itálicos no original*).

O que se pode apreender disto é que, admitindo as iniciativas de Economia Solidária atuais como sendo uma reinvenção do movimento cooperativista estudado por Marx, conforme Singer, as iniciativas de Economia Solidária da atualidade, são formas de transição entre o modo capitalista de produção e o modo associado, porém ainda no interior do capitalismo.

Para Marx ainda, tanto as sociedades capitalistas por ações quanto as cooperativas devem ser consideradas como formas de transição do capitalismo para o modo associado.

A diferença fundamental é que “num caso, a contradição é superada negativamente e, no outro de maneira positiva” (MARX, 1984, p.335).

No entanto, essas formas associadas de produção têm como pressuposto o avançado grau de desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social, em que estas não permitam mais ao homem produzir sua existência de forma isolada, mas sim “como universalidade histórica, em que todos os homens estejam em contato uns com os outros” (GRADE, 2007

p.4), e que “a vida de cada um passe a ser questão de todos e que a vida de todos dependa da práxis de cada um” (AUED, 2005 *apud* GRADE, 2007 p.4). Sendo assim:

Este resultado do desenvolvimento máximo da produção capitalista é uma fase transitória que levará o capital necessariamente a reverter à propriedade dos produtores não mais, porém, como propriedade privada de produtores individuais e sim como propriedade dos produtores na qualidade de associados, propriedade diretamente social. Nesta fase transitória todas as funções do processo de reprodução ainda ligadas até agora à propriedade do capital se transformarão em simples funções dos produtores associados, em funções sociais (MARX, 1991, *apud* GRADE, 2007 p.19)

Cabe aqui destacar uma discrepância da teoria de Marx para os argumentos de Singer. Este último, conforme visto no capítulo anterior vê as cooperativas como um “novo modo de produção” que foi sendo construído em conjunto com o capitalismo, pelos produtores diretos, à medida que estes se vêem ameaçados em sua condição de homens viventes (GRADE, 2007). Dessa forma subentendem-se em Singer as cooperativas como sendo algo acabado, um fim a ser atingido. Singer destaca o desenvolvimento das forças produtivas, mas sem as considerar pressupostos das lutas políticas, nem “como decorrência da transmutação do trabalho individual em social, de como a passagem do trabalho individual em social engendra também a luta política”.

Para Marx, essas iniciativas de produção associada são resultados do desenvolvimento do próprio modo de produção capitalista como sendo formas transitórias que “evidenciam a sua negação e, por conseguinte, a sua superação como modo de produção da existência humana” (GRADE, 2007, p.17). A economia solidária é então, um processo superior, da superação da alienação humana. Assim, segundo Marx:

(...) a estrutura do processo vital da sociedade, isto é, do processo da produção material, só pode desprender-se do seu véu nebuloso e místico, no dia em que for obra de homens livremente associados, submetida a seu controle consciente e planejado. Para isso, precisa a sociedade de uma base material ou de uma série de condições materiais de existência, que, por sua vez, só pode ser o resultado natural de um longo e penoso processo de desenvolvimento (MARX, 1999 *apud* GRADE 2007).

Essa base material manifesta-se, portanto, na redução da jornada de trabalho, como resultado da máxima condensação da produtividade do trabalho até o ponto em que o trabalho assalariado será por completo eliminado como fundamento material da existência dos homens, e assim, o tempo livre se estabeleça como princípio organizador da sociedade. A partir do momento em que os homens dominarem as forças produtivas, e colocá-las a favor da produção humanizada, estarão “criadas as condições para o ser social se pôr como ser

independente, e criar uma sociedade onde o pressuposto da existência humana é a liberdade de sua existência humanizada” (AUED, 2005, *apud* GRADE, 2007). Enfim, o “Reino da Liberdade”.

## 2.2 Associativismo

O Associativismo é uma política permanente que privilegia a cooperação sobre a disputa, baseando-se na soma de esforços entre os membros de um determinado agrupamento para, assim, todos juntos, poderem melhor enfrentar desafios comuns.

São regidas pelo código civil que no artigo cinquenta e três as define da seguinte maneira:

Art. 53: Constituem-se as associações pela união de pessoas que se organizam para fins não econômicos.

A sustentabilidade dos empreendimentos associativos pressupõe que os seus associados se encontrem habilitados para assumir as condições do empreendimento. A eficiência econômica e forma de gestão (democrática) não podem ser pensadas separadamente. Um pressuposto primordial à sustentabilidade dos empreendimentos associativos é que seus integrantes conheçam as condições necessárias para que a atividade que desenvolvem ou pretendem implementar tenha maior chance de êxito, um instrumento essencial a ser utilizado é o estudo de viabilidade.

O estudo de viabilidade é um processo de aprendizado de todos os participantes, é um instrumento que instiga a reflexão dos trabalhadores sobre as questões internas ao grupo (a organização e o processo de trabalho, o que cabe a cada um fazer e por que, as relações de cada um com os outros), e externas (as relações com a comunidade local, com o mercado, com as entidades de apoio e fomento, com o Estado e com as diferentes esferas do governo), contribuindo para gerar demandas por políticas (crédito, educação etc.) adequadas à sustentabilidade dos empreendimentos da economia solidária. Ela não se restringe, portanto aos aspectos estritamente econômicos. Entendido dessa forma o estudo de viabilidade não é uma questão técnica, mas essencialmente educativa e política.

### 2.3 Importância da Caprino/Ovinocultura na região

De acordo com informações da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa, o Nordeste brasileiro tem sido destacado durante séculos como área de vocação para a exploração de ruminantes domésticos, notadamente caprinos e ovinos, pelo potencial da vegetação natural para a manutenção e sobrevivência dos animais destas espécies. Nesta região tanto os animais machos como as fêmeas não apresentam estacionalidade reprodutiva, não sendo o fotoperíodo fator limitante para sua reprodução. Dentre as várias alternativas encontradas para a convivência com a seca, a caprinocultura e a ovinocultura têm sido apontadas como as mais viáveis.

A caprinocultura tem uma afinidade com o semiárido brasileiro, notadamente com o Curimataú, Cariri e Sertão paraibano, sendo considerado como uma das atividades de maior potencialidade para sustentação e competitividade da agricultura familiar.

Por outro lado, deve-se registrar que o simples fato de os animais apresentarem potencial produtivo ao longo do ano, não atende aos requisitos básicos de uma atividade voltada para as demandas que se manifestam em um mercado moderno e cada vez mais exigente. Assim, a exploração agropecuária através dos sistemas tradicionais de criação não mais constitui solução para a fixação do homem na terra.

Novos conceitos de organização e gerenciamento da unidade produtiva, a implementação do regime de manejo adequada para cada fase da exploração (produção, recria e terminação) e a adoção de técnicas modernas, são pré-requisitos para a promoção da qualidade de vida do homem rural, com coerência com os índices indicados pelas organizações internacionais em relação aos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH).

O mercado da carne ovina está em franca ascensão em todo o país. Os preços hoje praticados no âmbito da unidade produtiva representam bem mais do que o preço pago pela carne bovina nas mesmas condições.

No momento cerca de 50% da carne ovina consumida no Nordeste e Centro-Oeste são provenientes do Uruguai, da Argentina e da Nova Zelândia. Esta informação mostra uma possibilidade enorme de mercado a ser conquistado, principalmente porque no Brasil, especialmente no Nordeste, tem-se potencial para produzir carne de melhor qualidade do que àquela importada. A produção de carne proveniente de animais deslanados poderá perfeitamente atender à demanda interna e em futuro próximo adentrar no mercado

internacional. A pele por sua vez, agrega valor ao produto, uma vez que forem adotadas regras básicas de manejo, este produto poderá representar até 30% do preço final do animal.

Entende-se que as intempéries climáticas representam sérias ameaças ao desenvolvimento da caprinocultura e ovinocultura no Nordeste brasileiro. No entanto, as tecnologias disponíveis e os acenos positivos do mercado tendem a estimular e fortalecer a cadeia produtiva da região. A manutenção de níveis dignos de sobrevivência de uma população passa pela eficiência produtiva, representada pela qualidade dos produtos e por escalas de produção e regularidade da oferta.

De acordo com os dados do IBGE, a região Nordeste concentra mais de 8,5 milhões de cabeças de caprinos (91% do rebanho do país). Os estados da Bahia (2,3 milhões) e Pernambuco (1,7 milhões) lideram em números de cabeças. A Paraíba detém o quinto maior rebanho (624 mil), mas registra a maior produção de leite do país. (IBGE, 2002)

O IGA – Internacional Goat Association (Associação sem fins lucrativos) é um evento mundial que chega ao Brasil e, particularmente, ao Nordeste em função do apoio do projeto Aprisco, Sebrae, INSA e da UFRPE, o que demonstra força de articulação das entidades na região. Segundo o pesquisador da Embrapa-PB, Wandrick Hauss, diz que o projeto Aprisco tem três desafios para vencer e se tornar dentro de uma década uma atividade relevante para a Região Nordeste. Primeiro, os proprietários de estabelecimentos rurais precisam avançar na gestão do segmento e tratar a caprinocultura como um negócio; segundo, incorporar os avanços tecnológicos como meio para elevar a produtividade e melhorar sua competitividade para agregar valor aos produtos e terceiro, promover a mudança de seu modelo que é predominantemente tradicional (baixa produção) para de escala como forma regularizar e oferecer segurança ao mercado.

O município de Nova Floresta está situado na Mesorregião do Curimataú Paraibano - Região Nordeste - uma região tipicamente semiárida, que traz consigo uma história de lutas e organização dos atores sociais em busca de melhoria de sua qualidade de vida. Diante das condições favorável alguns criadores de caprinos e ovinos se organizam em torno de uma cadeia produtivas, com o objetivo de produzir leite e carne. Esta é uma política incentivada pelo Território da Cidadania, Sebrae, Emepa, Associação de criadores de caprinos e ovinos da cidade de Picuí.

O município foi criado em 1959, a população é de 10.533 habitantes (IBGE, 2010). Seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0.606, segundo Atlas de Desenvolvimento Humano/PNUD (2000). Constata-se a existência de pequenas propriedades rurais, caracterizadas pela iniciativa privada, especificamente nas atividades associativas, sem

a tutela de políticas públicas econômicas de apoio, incentivo desenvolvimento de sua cultura econômica.

A base da economia da zona semiárida é a agricultura familiar, visto que, essa atividade está calcada nos saberes e técnicas populares, contribuindo decisivamente para a reprodução de expressiva parcela da população local. Além da base agrícola e da pecuária, merece destaque a caprino/ovinocultura. Essa atividade é explorada em quase todo o Território. Estes Animais de pequeno porte apresentam significativas vantagens em relação à bovinocultura, principalmente no que diz respeito à área ocupada e manejo. A rusticidade desses animais, bem como a facilidade de adaptação às condições ambientais são outros fatores que contribuem para tornar essa atividade relevante, nas pequenas e médias unidades de produção familiar.

A caprinocultura leiteira está cada vez mais presente na agropecuária brasileira, mostrando-se no Nordeste, especialmente na Paraíba, como uma das principais opções de sustentação da pecuária familiar, por ser uma propensão natural da economia regional.

Diferente do que antes ocorria, a criação de caprinos leiteiros deixou de ser uma atividade complementar, para se tornar atividade principal das pequenas propriedades rurais paraibanas, ensejando no Estado políticas públicas estratégicas de proteção e desenvolvimento desse segmento da pecuária.

### 3. METODOLOGIA

Nesta pesquisa, em forma de estudo de caso, da Associação de caprinos e ovinos de Nova Floresta, foram aplicadas as seguintes técnicas:

1. Questionários aos associados;
2. Entrevista com um dos responsáveis pela diretoria da associação;
3. Observação participante, a fim de analisar a relação dos membros da associação.

Quanto à relação da associação com os outros públicos em suas práticas, foram analisados documentos pertinentes às atividades da associação (estatutos, registro de convocações para reuniões, encontros, livro de ata).

O questionário usado foi do tipo heterogêneo apresentando dez questões, direcionadas para coleta de dados com perguntas objetivas e subjetivas – como dados pessoais e profissionais – até as mais específicas.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 Contexto histórico da Associação de caprinos e ovinos de Nova Floresta

A associação de caprinos e ovinos de Nova Floresta, doravante denominada APCONF, foi fundada aos doze dias do mês de março de dois mil e dez. É uma entidade civil com personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos. Os fins da Associação são assistir todas as atividades relacionadas á caprino/ovinocultura de seus associados, dando-lhes suportes administrativo, técnico-científico e incentivos a projetos governamentais e privados. Dispõe de todo aparato legal, possui estatuto (em anexo) e quaisquer documento jurídico necessário para seu funcionamento.

A APCONF surgiu como uma alternativa de renda, diante das dificuldades econômicas existentes no município de Nova Floresta, como um meio de melhorar a caprino/ovinocultura no município, adquirir serviços de orientação técnico-científico e jurídicas para atender aos associados e familiares, podendo celebrar contratos e convênios e intermediar projetos e incentivos com qualquer entidade e órgãos públicos ou privados e com organização não governamental, bem como apresentar proposta de projetos e financiamentos junto às instituições de crédito.

A Associação dispõe de, aproximadamente, quarenta associados. Não possui sede própria, sendo as reuniões realizadas no auditório da Câmara Municipal de Nova Floresta, ou na residência dos associados. Diante da pesquisa realizada, as reuniões são esporádica, geralmente realizadas quando surge algo novo de acordo com a necessidade da Associação (cursos, tomada de decisões, eleições, projetos, dentre outros).

A Associação prioriza curso de capacitação para os associados, com apoio do SENAR, com o intuito de melhoramento do rebanho. Já foi desenvolvido vários cursos e treinamentos dentre eles destacam-se: aplicação de medicamentos, casqueamento dos animais, cursos de fabricação de queijos e derivados do leite de cabra, como também participação das feiras agropecuárias nas regiões circunvizinhas e estaduais, com a finalidade de incentivar a comercialização dos animais e produtos oriundos da caprino/ovinocultura, visitas aos campus

da UFPB (Universidade Federal da Paraíba), localizada no município de Bananeiras e no campus localizado em Areia, para palestras com o objetivo de melhoramento zootécnico dos caprinos e ovinos do município de Nova Floresta.

No ano de 2010, foi criada a primeira Caprifeira de Nova Floresta, com intuito de incentivar a criação e exploração dos caprinos e ovinos. Neste evento tivemos a exposição de raças especializadas na produção de leite. Também houve um torneio leiteiro com premiação definida para os animais campeões. Através de feiras desta natureza podemos ter acesso a novas tecnologias, genéticas melhorando o plantel de caprinos e ovinos na nossa região. O governo da Paraíba através da Emepa e com parceria do Condomínio Agro Industrial de Amparo, localizado no município de Amparo, PB, foi oferecido para a Associação como empréstimos, reprodutores de caprinos e ovinos.

Os caprinos criados por essa associação são das raças leiteiras, sua exploração é feita através do regime semi extensivo (os animais são criados soltos nos cercados durante o dia e trancados em apriscos durante a noite). Este regime tem a vantagem do criador ter um melhor controle sanitário, reprodutivo e produtivo da sua criação. A APCONF é formada por pessoas que exerçam a atividade caprino/ovinocultura independente de ser pequeno, médio, ou criador de grande porte, o que importa é que concordem com as disposições contidas no estatuto e que, pela ajuda mútua e com base no princípio do associativismo, desejem contribuir para consecução dos objetivos da entidade.

O leite produzido por alguns criadores que fazem parte da Associação é comercializado através do Condomínio Agro Industrial de Amparo, e após passar pelo processo de pasteurização é repassado para o governo do Estado da Paraíba. A Paraíba dispõe nos dias atuais de vinte e duas agroindústrias que beneficiam o leite de cabra. A produção de leite da APCONF é congelada e transportada até a cidade de Amparo. O leite é então distribuído através do programa do leite do estado da Paraíba.

Os associados também promovem meios para defender e divulgar a importância do consumo humano do leite de cabra e seus derivados através de entrevistas em rádio, som volante e folders, tentando mostrar as propriedades nutritivas e a semelhança ao leite materno.

Introduzida como alimentação humana há séculos, o leite de cabra é um alimento nutritivo natural, sendo largamente utilizado na nutrição de crianças e idosos, por baixa

capacidade de provocar alergias, e na produção de leite pasteurizado, leite ultrapasteurizado (UHT), leite em pó, iogurtes, sorvetes, doces e queijos.

Diante da pesquisa feita na Associação, percebeu-se que existe parceria com o governo do Estado da Paraíba, dentre elas é o Projeto Empreender, que se designa a compras cabras para a Associação, palestras com o Sebrae para orientar sobre o cultivo de palma forrageira adensada e irrigada e também sobre sanidade animal voltada para a cabra leiteira. Além dos programas governamentais também percebeu-se o apoio técnico oferecido, tais como visitas do veterinário Louis Elves, para realização de exames OPG, dia de campo para descorna em cabritos (morchação). Trabalhos desse tipo só através da associação são viáveis para os criadores.

#### 4.2 Análise dos dados coletados

O associativismo se constitui em alternativa necessária de viabilização das atividades econômicas, possibilitando aos trabalhadores, criadores e pequenos proprietários um caminho efetivo para participar do mercado em melhores condições de concorrência.

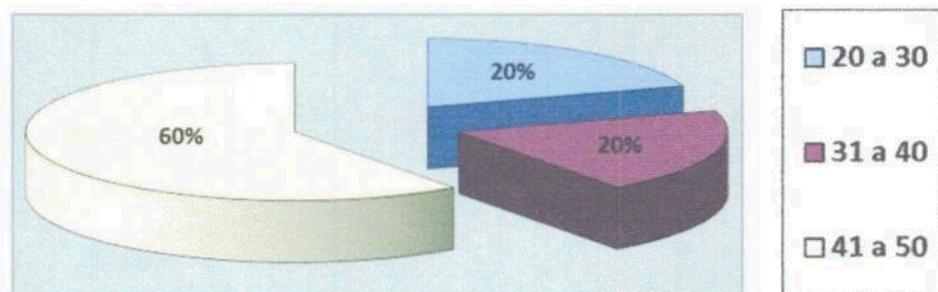
Com a cooperação formal entre sócios afins, a produção e comercialização de bens e serviços podem ser muito mais rentáveis, tendo-se em vista que a meta é construir uma estrutura coletiva das quais todos são beneficiários.

Os pequenos criadores, que normalmente apresentam as mesmas dificuldades para obter um bom desempenho econômico, têm na formação de associações um mecanismo que lhes garante melhor desempenho para competir no mercado.

Transformar a participação individual e familiar em participação grupal e comunitária se apresenta como uma alavanca, um mecanismo que acrescenta capacidade produtiva comercial a todos os associados, colocando-os em melhor situação para viabilizar suas atividades. A troca de experiências e a utilização de uma estrutura comum possibilitam-lhes explorar o potencial de cada um e, conseqüentemente, conseguir maior retorno financeiro por seu trabalho.

Dos questionários aplicados na APCONF foram respondidos dez. Quanto ao perfil dos associados 100% foi do sexo masculino e a faixa etária predominante foi de 41 a 50 anos (Figura 1).

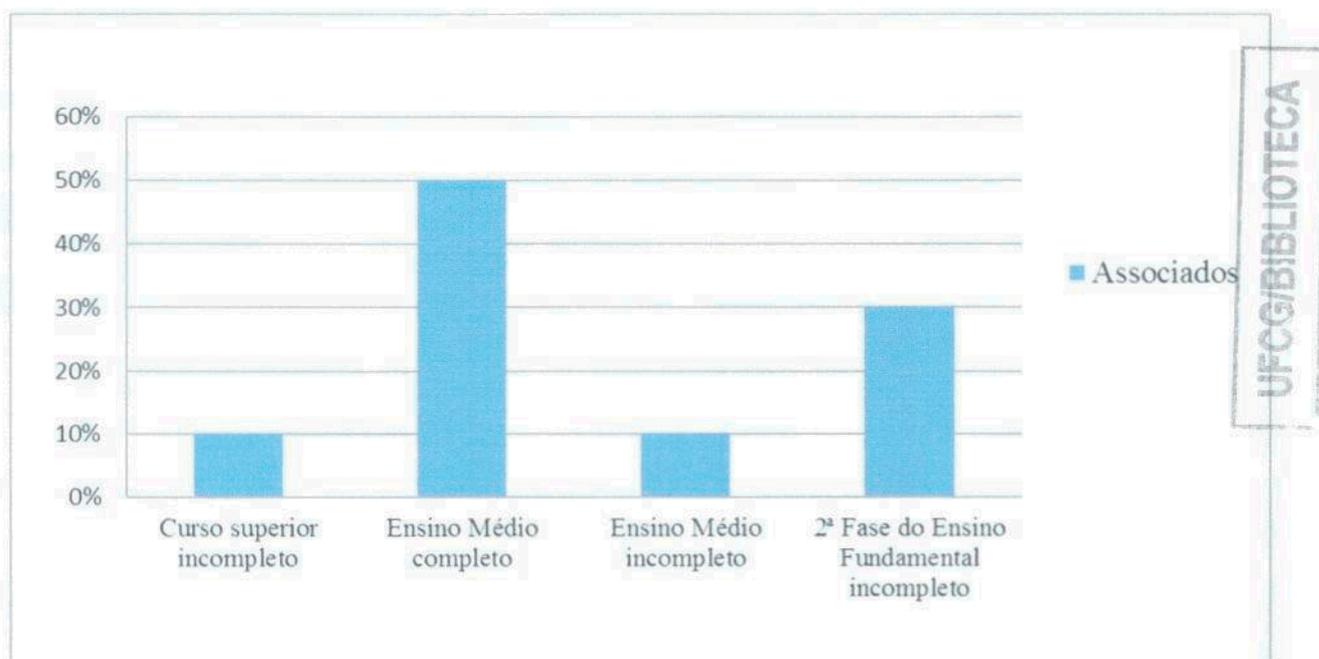
Figura 1. Faixa etária dos Associados



Após os trinta anos o número de associados aumentou isso se deve ao fato de que nessa idade a maioria dos associados já constituiu família e a criação passou a ser uma forma econômica de sobrevivência, geralmente procuram a associação por ser uma das alternativas de melhorar a qualidade da criação com base na capacidade de trabalho e nas oportunidades.

Quanto ao grau de instrução, 10% tem curso superior incompleto, 50% tem o Ensino Médio completo, 30% tem o Ensino fundamental incompleto e 10% não completou o Ensino Médio e não está estudando (Figura 2).

Figura 2. Grau de Instrução



Assumindo-se que a educação é um meio de se estabelecer um compromisso ético com a dignidade humana, implica no direito básico do trabalhador, que permita a formação para a cidadania e, também, para o atendimento das demandas do mundo produtivo contemporâneo.

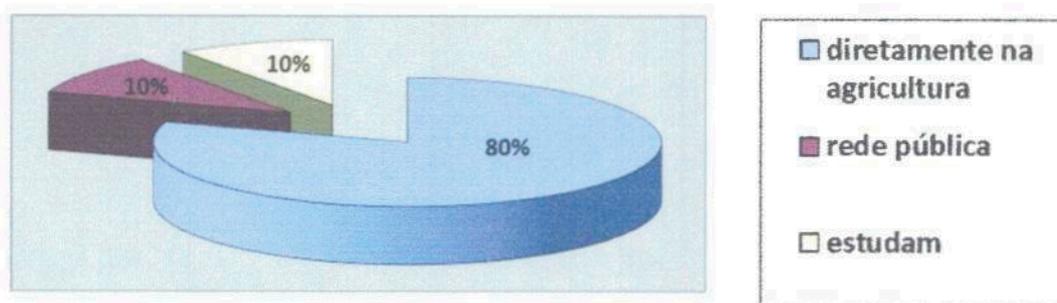
Precisa incluir, sincrônica e prioritariamente, conhecimentos que sirvam para facilitar o nível de sociabilidade dos indivíduos, que possa melhor prover seu sustento e de sua família.

Segundo Paulo Freire, na *Educação Libertadora*. Tomando como ponto de partida as condições de vida e trabalho dos educandos, o educador abre um diálogo com eles sobre a questão “para quê desejam educar-se”. Fica logo evidente por suas respostas que suas motivações para a educação estão vinculadas não a um desejo abstrato de “saber”, mas a pretensões concretas como trabalhar melhor, conseguir um trabalho que rende mais, melhorar a vida para si e para a família.

Portanto, a EJA é uma modalidade de ensino que pode casar trabalho e educação, para isso, é preciso ser estruturada como um sistema diferente do sistema escolar tradicional. Tem que ser desenhada para atender as condições de vida e trabalho de pessoas que têm como ocupação principal garantir o suficiente para si e para suas famílias quer como arrimo de família, quer para obter rendimento complementar.

Verificou-se que 80% dos associados trabalham diretamente na agricultura, 10% trabalha na rede pública e 10% é estudante. Existe uma diversificação na atuação de trabalho por parte dos associados, embora a agricultura seja a atividade que predomina (Figura 3).

Figura 3. Área de atuação dos associados



A união dos pequenos produtores em associações torna possível a aquisição de insumos e equipamentos com menores preços e melhores prazos de pagamento. Tais recursos, quando divididos entre vários associados, tornam-se acessíveis e o criador certamente sai lucrando, pois reúne esforços em benefício comum, bem como o compartilhamento do custo da assistência técnica do agrônomo, do veterinário, de tecnologias e de capacitação profissional.

Percentual de 20% dos associados respondeu que o principal produto comercializado é o leite, 10% afirmaram que há comercialização de carne e queijo e 70% afirmaram que a Associação não faz comercialização.

De acordo com o estatuto da Associação APCONF, no Art. 5º. Um dos objetivos desta é promover meios para facilitar a comercialização, inclusive exportação de animais e produtos oriundos da caprino/ovinocultura.

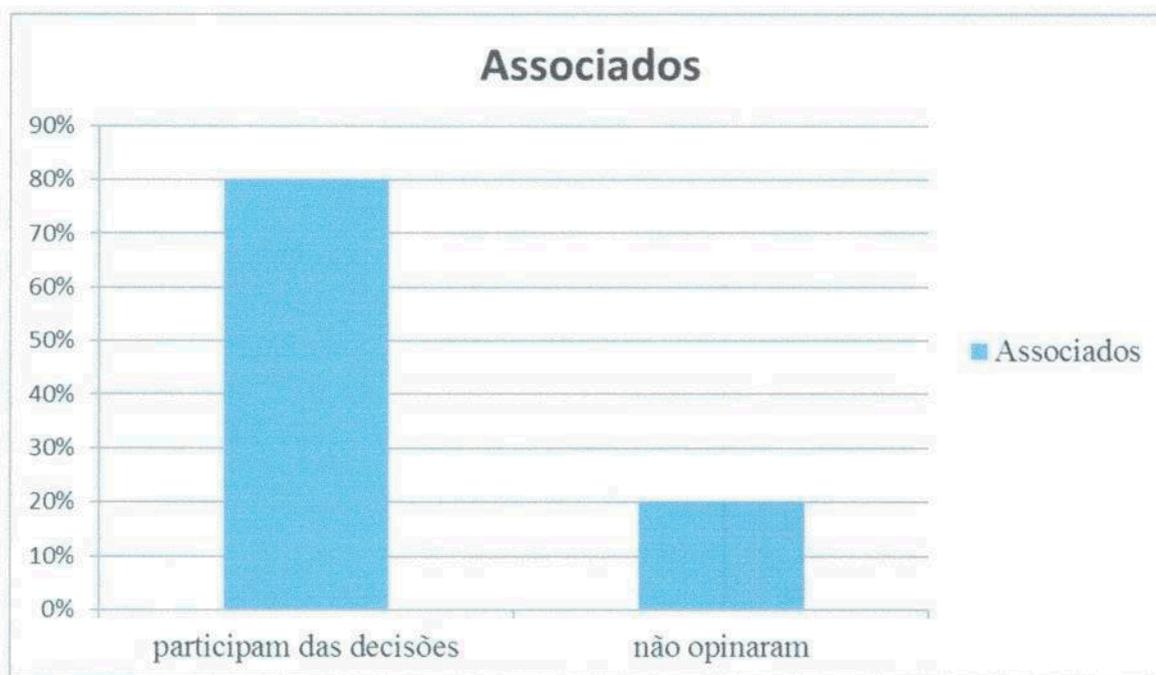
Com base na pesquisa realizada 60% dos associados afirmaram que a comercialização dos produtos é realizada de forma individual pelos produtores, enquanto 10% responderam que não existe comércio e 30% não responderam.

A APCONF, não dispõe de estrutura para desenvolver a atividade de comercialização dos produtos, 100% dos associados respondeu que não existe lucro advindo do processo de comercialização, a associação é focada na formação dos sócios, assistência técnica e aquisição de produtos.

Diante dos dados obtidos através do questionário aplicado na APCONF, percebeu-se que 90% dos associados, entendem por associativismo “a união de forças para melhorar e aprimorar sua atividade”.

A gestão da APCONF é democrática, as tomadas de decisão acontecem de forma coletiva, através de reuniões. 80% dos associados responderam que o trabalho dessa associação é focado na melhoria de vida do associado, sempre buscando capacitação para que os produtores tenham um melhor resultado na produção, criação e comercialização dos seus produtos, enquanto 20% não opinaram (Figura 4).

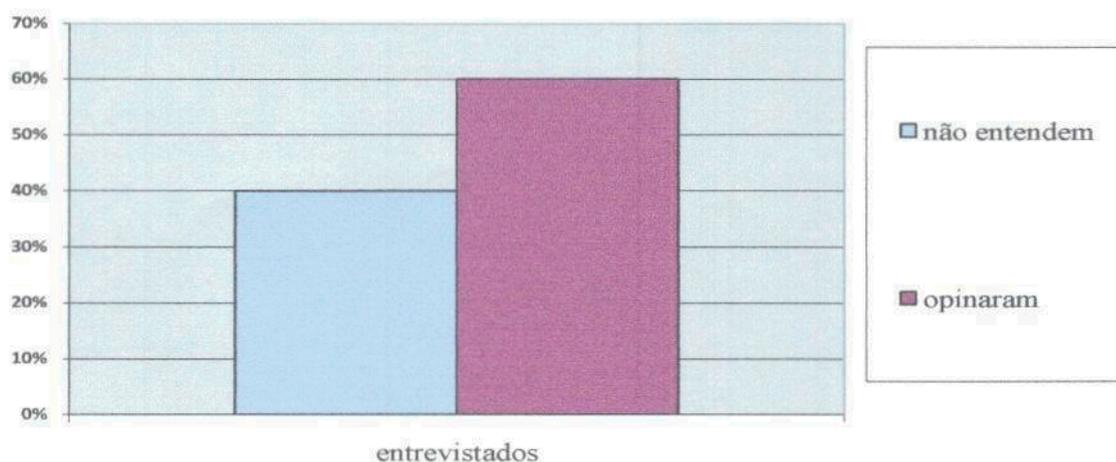
Figura 4. Participação na gestão



Segundo Singer (2000) caracteriza a autogestão pela capacidade autônoma de trabalhadores de gerirem sua própria empresa. Define ainda, como um modelo de gestão onde o controle da empresa e suas decisões são praticados pelos trabalhadores. Eles tomam as decisões, sejam elas, metas de produção, participação dos resultados, política de investimento e modernização política de relacionamento entre as pessoas e mercado. Para ele esses são os aspectos que levam a autogestão a ser bem sucedida.

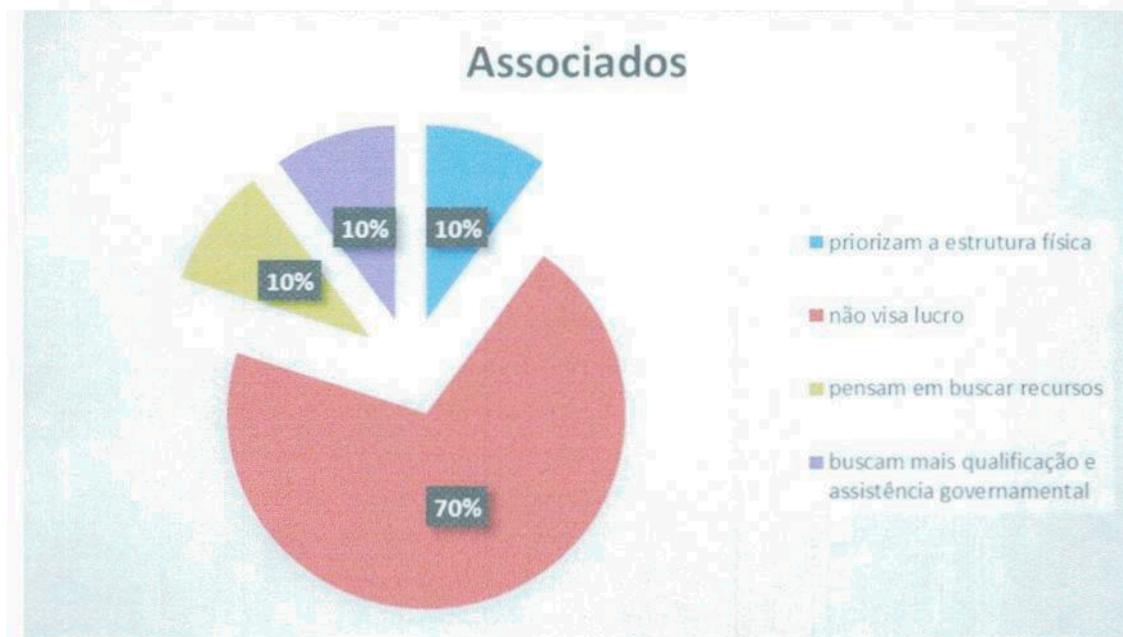
No que diz respeito à Economia Solidária 40% dos entrevistados não souberam responder, ou seja, não tem conhecimento do que se trata, embora já tenham ouvido falar. Enquanto 60% responderam que: “É a economia que busca um lucro para todos que fazem parte da Associação” (Figura 5).

Figura 5. O que os associados entendem ser Economia Solidária



Quanto à perspectiva de melhorar a infraestrutura, com o objetivo de obter um lucro maior, 70% dos associados responderam que não existe, até porque a associação trabalha sem fins lucrativos e dão prioridade ao desempenho dos associados em seus trabalhos dentro da área da caprino/ovinocultura. Enquanto 10% pensa em buscar recursos para montar um pequeno laticínio para produção de leite pasteurizado, visando aumentar o lucro dos produtores, 10% visa mais qualificação e assistência governamental e 10% prioriza a estrutura física para desenvolver de uma forma melhor as atividades da associação (Figura 6).

Figura 6. Perspectiva de melhorar a infra-estrutura



## 5. CONCLUSÕES

Identificou-se a importância da organização do trabalho concebido em termos de que, as mudanças de comportamento do trabalhador geram mudanças nos comportamentos individuais e sociais, que por sua vez, impactam as relações de trabalho, sob a ótica da economia solidária. A pesquisa bibliográfica consultada no decorrer da pesquisa permitiu uma caracterização geral da Economia solidária como pensamento cooperativista, como sendo uma associação coletiva (formal ou informal) onde há a socialização dos meios de produção, onde as decisões técnicas e gerenciais são tomadas de forma coletiva (autogestionárias) pelos atores envolvidos, e não como uma associação a serviço somente dos seus sócios, mas sim de toda a comunidade.

A análise dos resultados proporcionou um maior entendimento sobre a dinâmica organizativa da APCONF. O processo de comercialização dos produtores que fazem parte da APCONF está dentro dos conceitos do associativismo, o processo de comercialização é feito de forma individual e o lucro também é individual, a organização da associação está voltada para aquisição de insumos e equipamentos com custos mais baixos, capacitação profissional e assistência técnica. A dificuldade constatada desses pequenos criadores é conseguir crédito para investir, para o capital de giro e um mercado consumidor garantido, isso é tido pelos associados como um grande entrave para a expansão dos negócios. Suas atividades são basicamente artesanais, sem requerer um nível mais avançado de tecnologia.

A pesquisa por amostragem e os dados coletados indicam que a criação de cabras é relevante na realidade dos associados dado os elevados índices de desemprego na região e por se tratar de trabalhadores que, em sua maioria, não dispõe de outra alternativa de emprego, tendo também como problemática o fato de que no município não há indústrias e a cidade de Nova Floresta não oferecer outras condições de trabalho, a alternativa econômica mais viável para o momento foi a caprino/ovinocultura.

A Economia Solidária na associação ainda precisa ser melhor esclarecida, só assim, poderá haver mudanças importantes no cotidiano do pequeno produtor, incentivando a equidade, a democracia, a cooperação, a solidariedade, a qualidade das relações no trabalho, e, mais que tudo, a valorização do ser humano.

As associações vêm se expandindo notadamente no país nos últimos anos, representando uma resposta de parte da sociedade civil à crise das relações de trabalho e ao aumento da exclusão social e econômica, destacando-se a atuação das chamadas instituições

de fomento à Economia Solidária. Estas dão suporte às iniciativas associativas comunitárias, promovendo a constituição de empreendimentos populares solidários, de caráter autogestionário, cooperativas ou grupos solidários, objetivando a sustentabilidade em todas as dimensões da vida humana.

## 6. REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Paulo Peixoto de. Autogestão. In: CATTANI, Antônio David. **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz, 2003.
- ASSOCIAÇÃO DE CAPRINOS E OVINOS DE NOVA FLORESTA. **Estatuto**. Nova Floresta, Paraíba. 2010
- GERMER, Claus. **A Economia Solidária: uma crítica com base em Marx**. 2005. Anais: 4 ° Colóquio Marx e Engels. *Centro de Estudos Marxistas (Cemarx)*, IFCH, Unicamp, 8 a 15 de novembro de 2005.
- GRADE, Marlene. **Solidariedade como Espaço da Transição: uma análise crítica da economia solidária a partir de Karl Marx**. XII Encontro Nacional de Economia Política. São Paulo, 2007. Disponível em [www.sep.org.br](http://www.sep.org.br). Acessado em agosto de 2013.
- GRADE, Marlene; AUED, Idaletto Malvezzi. **MST: luz e esperança de uma sociedade igualitária e socialista**. Dissertação (Mestrado em Economia) –Centro Sócio-Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina Florianópolis, 1999. 318f..
- MARX, Karl. **O Capital**. L. 3, vol.V. São Paulo: Bertrand Brasil, 1991.
- NOVAES, Henrique Tahan; DAGNINO, Renato. **Para além da apropriação dos meios de produção? o processo de adequação sócio-técnica em fábricas recuperadas**. Campinas, 2005. Dissertação (Mestrado em Política Científica e Tecnológica) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas.
- Plano Rural de Desenvolvimento rural sustentável – PTDRS. Paraíba 2010.
- SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária** - Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Solidariedade na Economia: Uma Alternativa à Competição Capitalista**. 2003. Entrevista Disponível em <[http://twiki.im.ufba.br/pub/PSL/EconomiaSolidaria/Entrevista\\_Paul\\_Singer.pdf](http://twiki.im.ufba.br/pub/PSL/EconomiaSolidaria/Entrevista_Paul_Singer.pdf)>Acesso em 20 de agosto de 2013.
- \_\_\_\_\_. Autogestão e socialismo: oito hipóteses sobre implantação do socialismo via autogestão, In: OLIVEIRA, Paulo S. (Org.): **O lúdico na cultura solidária**. São Paulo: Hucitec, 2001. p 229-239.
- TIRIBA, L. **Economia popular e cultura do trabalho: pedagogi(as) da produção associada**. Ijuí: UNIJUÍ, 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM ÊNFASE EM  
ECONOMIA SOLIDÁRIA NO SEMIÁRIDO PARAIBANO

**Questionário**

1ª) Qual a sua idade? \_\_\_\_\_

2ª) Sexo: ( ) feminino ( ) masculino

3ª) Qual seu grau de instrução? \_\_\_\_\_

Continua estudando? ( ) sim ( ) não Em que nível: \_\_\_\_\_

Em que trabalha? \_\_\_\_\_

4ª) Quais os principais produtos de comercialização na Associação de caprino/ovinocultura de Nova Floresta?

\_\_\_\_\_

5ª) Como são comercializados?

\_\_\_\_\_

6ª) Como ocorre a divisão dos lucros da Associação?

\_\_\_\_\_

7ª) O que você entende por associativismo?

\_\_\_\_\_

8ª) Como ocorre a gestão da Associação de caprino/ovinocultura de Nova Floresta?

\_\_\_\_\_

9ª) A Associação tem alguma perspectiva de melhorar a infra estrutura, para obter um lucro melhor?

\_\_\_\_\_

10) Sabe o que significa Economia Solidária?

\_\_\_\_\_